

RESENHA

BRANDIST, Craig. *Repensando o Círculo de Bakhtin*: novas perspectivas na história intelectual. CAMPOS, Maria Inês B.; SCHETTINI, Rosemary (Org.). São Paulo: Contexto, 2012, 181 p.

*Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia**

“Desmistificar não é o mesmo que desmascarar” (p. 9). Essa é, pode-se dizer, a síntese do que se propõe a obra *Repensando o Círculo de Bakhtin*, de Craig Brandist, especialista em teoria cultural e história de intelectuais russos e soviéticos, atualmente diretor do *Bakhtin Centre* e professor do Departamento de Russo e Estudos Eslavos da Universidade de Sheffield, no Reino Unido. Fruto da junção de textos publicados inicialmente entre 1999 e 2008, conforme anuncia o autor na apresentação do livro, o gesto de organizá-los em uma unidade, no ano de 2012, na edição brasileira de responsabilidade da Editora Contexto (São Paulo), abre a possibilidade de o autor revisar-se a si próprio, com a chancela do distanciamento temporal, e afirmar: “Como acontece com qualquer coletânea de artigos escritos ao longo de um período, ela (a coletânea) contém trabalhos que não seriam escritos hoje e, se fosse escrever um artigo sobre qualquer desses tópicos específicos, ele seria, com certeza, muito diferente” (p. 9). Mas toda escrita é tributária de seu tempo, em que pesem os lugares de ruptura e de resistência, e a obra de Bakhtin também não poderia deixar de sê-lo. O título *Repensando o Círculo de Bakhtin* já fornece ao leitor pistas acerca de possíveis contribuições da obra. E uma delas é problematizada pelo autor já na apresentação. Trata-se da própria

* Professora Doutora do Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Paraná – UFPR; gesualdarasia@yahoo.com.br

constituição do referido Círculo, composto por pensadores ligados a diferentes agrupamentos, alguns dos quais mais importantes, para eles, que o próprio Círculo. Este acabou se configurando como ponto de intersecção entre todos, espaço onde Bakhtin aprendeu com seus pares, tomou-lhes empréstimos e também transcendeu suas proposições. É sobre esses diálogos enquanto fontes, das quais Bakhtin bebeu, ora não vendo seus limites, ora mesmo ultrapassando-os, que Brandist pauta ao longo da coletânea dos sete artigos que compõem o livro organizado pelas professoras Maria Inês Campos (USP) e Rosemary H. Schettini (PUC-RJ) e traduzido por Helenice Gouvea e Rosemary Schettini.

“A grande narrativa de Bakhtin: o significado do Renascimento” é o estudo que emblematicamente abre a obra, porque, segundo Brandist, propõe uma análise crítica sobre a grande narrativa que percorre todo o trabalho de Bakhtin sobre história literária e cultural. E, na tomada que o autor faz da obra bakhtiniana, o Renascimento é escolhido como “centro ao redor do qual gira a discussão sobre sua narrativa histórica”. Caráter este que é emblemático, sobretudo, porque, ao fazê-lo, Brandist põe em tela uma dimensão da abordagem bakhtiniana que a tem distinguido de outras no campo dos estudos do discurso: a questão da dicotomia individual/social, intrinsecamente relacionada à questão da ideologia. O autor sublinha que os temas da responsabilidade individual e das relações intersubjetivas, centrais em Bakhtin, eram abordados, ao mesmo tempo, na perspectiva de sua convergência, por Ernest Cassirer. É também o pensamento de Cassirer que está presente na perspectiva histórica que Bakhtin assume entre o final dos anos 1920 e os 1930. Nessa perspectiva está implicada a releitura que Cassirer faz da concepção de individualismo do Renascimento, orientada, essencialmente, pelo princípio de que conhecer-se a si mesmo tem a ver com o reconhecer-se como membro de uma comunidade e no plano de uma horizontalidade que desfaz a lacuna secular/eclesiástico.

Cassirer examina a questão da individualidade a partir de uma base filosófica, enquanto Bakhtin foca a dimensão literária, relacionando aí a questão da individualidade com a linguagem, na medida em que pauta o encontro do grego homérico com outras línguas. O homem também se torna múltiplo e complexo, porque saído da massa e portador de diferentes pensamentos. A consequência material é que novos gêneros passam a substituir o épico e a tragédia. O romance, que deles mesmo derivou, é o lugar para a revelação do indivíduo. Brandist destaca que “O Helenismo e o Renascimento foram, portanto, considerados limiares entre ordens sociais estabelecidas, nas quais a experiência individual veio a constituir-

se...” Ao lado disso, e não desvinculada, há a emergência da linguagem de diferentes posições sociais, desestabilizando a cristalização vigente na Idade Média. Ao tratar disso, Brandist mostra que a temática do Renascimento, até então tomada como questão sociológica, recebe da parte de Bakhtin atenção no que tange à dimensão linguística, “extraída da teoria humboldtiana da variedade linguística como sinônimo de variedade de visões de mundo.” Em paralelo a isso, a perspectiva de interação de línguas e culturas, o que resulta na dimensão simbólica, representativa da linguagem, ponto esse que vai desembocar na noção bakhtiniana de dialogismo, na década de 1930.

Mas a leitura que Brandist faz da obra de Bakhtin no contexto do Círculo não deixa de ver e de trazer a lume alguns pontos cegos. Dentre eles, um em especial: trata-se do embaçamento que o poder produz sobre as distinções fundamentais entre as formações sociais vigentes na França de Rabelais, na medida em que Bakhtin deixa passar as práticas e interesses distintos implicados na produção romanesca e nas suas formas de distribuição. Brandist sublinha que “Bakhtin identifica uma luta sociopolítica na base da cultura renascentista, mas deixa de correlacionar o conflito social com as instituições das sociedades que ele examina, retirando-se para o reino das ideias explorado por seus predecessores”. Contudo, a obra possibilita uma aplicação materialista, segundo o autor, pois o trabalho de Bakhtin “integra áreas de produção ideológica e as correlaciona com o exercício do poder político.” Essa tomada institucional da cultura renascentista permitiria, afirma Brandist, “um entendimento mais preciso do processo de descoberta e crítica que surgiu a partir de contradições experimentadas do desenvolvimento social”.

Como contribuição ao hiato existente na pesquisa acerca das raízes das noções de diálogo e de enunciado, no contexto do Círculo de Bakhtin, compõe-se o segundo artigo da coletânea, intitulado “O dilema de Voloshinov: sobre as raízes filosóficas da teoria dialógica do enunciado”. E o preenchimento de tal hiato leva em conta a até então omissão em relação aos paralelos entre as referidas noções e a teoria dos atos de fala desenvolvidas na filosofia anglo-americana, assim como os empréstimos da tradição filosófica de Ernest Cassirer, feitos pelo Círculo e, especialmente, de Anton Marty e Karl Bühler, até então relativamente subestimados na abordagem da atividade discursiva. Brandist afirma que “um exame mais apurado leva-nos a ver que o núcleo da ideia do enunciado pode ser encontrado em seus trabalhos.” Outra contribuição que o artigo fornece ao leitor consiste na colocação ambivalente da produção de Voloshinov entre a dimensão discursiva e

a extradiscursiva da linguagem, designada como “o equívoco de Voloshinov”. Essa ambivalência, cujos desdobramentos alcançam a questão específica da relação dos atos de fala, encontra direção de equacionamento na categoria dos gêneros discursivos. “Contudo, em vez de enraizar as formas de enunciados na necessidade material, a natureza das coisas e as formas de nossas relações com essas coisas, sobre as quais surgem formas culturais, Voloshinov apresenta o argumento neokantiano, defendendo que as ações são livres de causalidade” (p. 53). Brandist pontua que é Bakhtin quem apresenta, na década de 1950, uma possibilidade de solução para esse “nó”, em seu ensaio sobre os gêneros discursivos, na medida em que busca superar as antinomias das distinções sentido/referência e entoação/forma social de modos relacionados. Contudo, pauta que a tentativa de junção em *continuum* de elementos do realismo e do idealismo não foi bem sucedida. Em razão disso, questiona-se se a solução de Bakhtin teria sido a única possível, ao que responde que não, propondo que se pense na possibilidade de uma revisão do trabalho de Voloshinov a partir da perspectiva de uma ciência social realista, o que, segundo ele, poderia resultar em uma teoria mais produtiva que a desenvolvida por Bakhtin.

Em “O direito e os gêneros do discurso: a teoria da linguagem do Círculo de Bakhtin e a fenomenologia da razão”, o autor defende o postulado de que a filosofia jurídica permeia o trabalho do Círculo, desde a teoria do romance, até a concepção bakhtiniana de interação discursiva. E, nesse entorno, especial atenção à adesão de Bakhtin à ideia da Escola de Marburg, de que as ciências humanas são baseadas na ética, e no fato de que a jurisprudência é sua matemática, adesão esta que estabelece laços com a teoria bakhtiniana do enunciado. Brandist defende que é no esquema dos gêneros discursivos, elaborado na década de 1950, que ganha visibilidade a influência da tradição do direito civil. E tal se dá a partir do estudo das unidades do discurso como portadoras de responsividade e, portanto, os enunciados como formas da cultura objetiva. Nessa perspectiva, Brandist avalia o romance como “um paradigma microscópico do ser social como tal” e propõe que não se negligenciem os dilemas entre as questões discursivas e as jurídicas.

Com o argumento da indispensabilidade de uma investigação histórica como precondição para um desenvolvimento coerente da pesquisa em torno da obra de Bakhtin e de Vygostky, Brandist escreve o artigo “Os círculos de Vygotsky e Bakhtin: explicando a convergência”. Trata-se de estudo mais que necessário, dado que não raro se encontram abordagens que tecem pontos de encontro sem

levar em consideração divergências conceituais que não são de todo inconsequentes. Vale dizer, inicialmente, do recurso a fontes outras, no caso, alemãs e soviéticas, na obra desses dois pensadores, como de praxe aconteceu com o Círculo, para além da filiação de ambos a projetos de pesquisa institucionais comuns, o que ajuda a explicar as similaridades. Contudo, conforme delineado, em que pese o título do artigo, mais que mapear os pontos de encontro, o que o autor faz é demarcar os distanciamentos entre os dois pensadores. A começar pela separação nítida que Bakhtin faz entre a dimensão biológica e a cultural da linguagem, além do fato de que as estruturas emergentes da cultura são, no caso deste, *sui generis*, enquanto que em Vygotsky são enraizadas na história natural e nas estruturas biológicas. Brandist resume as trajetórias de ambos, afirmando que as ideias dos Círculos convergem, mas nunca coincidem inteiramente. “Enquanto Vygotsky foi motivado por uma busca por unidade, de acordo com a qual os fenômenos culturais são coerentes com as estruturas físicas e biológicas, mesmo sendo qualitativamente diferentes delas, o Círculo de Bakhtin foi marcado por uma necessidade neokantiana de dividir o mundo em domínios governados, de um lado, pela causalidade e, de outro, pela teleologia” (p. 103).

No artigo intitulado “As origens da sociolinguística soviética”, é apresentado um panorama que, além de dar a conhecer de modo mais completo o estabelecimento dessa vertente da sociolinguística, também e, sobretudo, demarca aspectos nodais que a distinguem da vertente americana. Já de início o texto pautava um equívoco recorrente nos estudos da linguagem, qual seja o de caracterizar a ascensão da sociolinguística na década de 1960 como lugar de *novidade, descontinuidade, ruptura e revolução*. Ora, o apanhado que Brandist faz, a partir do historiador de linguística Konrad Koerner, mostra justamente a anterioridade de tais estudos no contexto soviético, entre os anos 1920 e 1930. Com relação ao mapeamento que Koerner faz das condições para o nascimento da sociolinguística, Brandist acrescenta, com justeza e consequências relevantes, “a forma pela qual o Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos facilitou o programa de pesquisa sociolinguística, ao forçar o governo federal a patrocinar pesquisas sobre as falhas educacionais afro-americanas e outros problemas sociais” (p. 113). O texto de Brandist mostra que esse condicionante político-ideológico gerou consequências conceituais para a pesquisa de Labov, contudo, os resultados de seu trabalho nunca chegaram à comunidade negra do Harlem, objeto do estudo, ao contrário da pesquisa na União Soviética, que gerou benefício considerável para o proletariado e o campesinato soviéticos, por essa razão, o foco do artigo são os

linguistas de Leningrado. No contexto da Rússia pré-revolução, a atenção é voltada à formação da língua nacional russa, por Polivanov, e ao estudo de Baudouin acerca da formação da língua polaca. Brandist defende que a relevância do trabalho deste último autor deve-se especialmente ao fato de ele haver enfatizado a necessidade de encontro entre a ciência social e a linguística, o que era dificultado pelo fato de ambas as disciplinas se encontrarem, à época, em um nível muito rudimentar de desenvolvimento. Na sequência, o texto de Brandist discute acerca das três fontes e das três partes componentes da sociolinguística, trazidos de Koerner, o qual, por sua vez, inspirou-se em Lênin, as quais se encontram: a) na geografia do dialeto europeu no início do século XX; b) na tentativa de definir a linguística como uma ciência social, em vez de natural; e c) nos trabalhos americanos sobre contato, planejamento e conflitos da linguagem para a década de 1950. A primeira delas, estabelecida na Rússia nos anos anteriores à revolução, pauta, em essência, o fato de que a geografia linguística ajudou a desenvolver, no contexto soviético, um tipo de dialetologia distinto da tradicional, na medida em que focou a relação entre os dialetos e a estrutura social, e não mais somente em relação à distribuição regional. Tal deslocamento tinha suas bases assentadas na perspectiva marxista, a qual viria a fornecer as bases para *remodelar a geografia linguística em uma geografia sociolinguística*. Essa empreitada incluiu, entre outros aspectos, a tomada de tipos não canônicos de linguagem escrita e o discurso conversacional de vários grupos sociais da população urbana como elementos de influência sobre a linguagem literária normalizada. E, nessa tomada, merece destaque o registro de Bakhtin, do romance polifônico de Dostoiévski, com sua variedade de vozes sociais, como terreno propício para a marcação da diversidade de grupos sociais na Rússia capitalista. Trata-se, nos termos de Shakhmatov, das forças “centrífugas” e “centrípetas” em ação nas relações entre linguagem escrita e discurso popular. Com relação à segunda fonte, qual seja “a linguística como uma ciência social”, Brandist problematiza o ponto nodal desse componente, que foi o modo como se tentou relacionar as formas linguísticas aos fatores socioeconômicos, atravessado pelas implicações do marxismo de correlação direta entre as formas gramaticais e as estruturas socioeconômicas. O autor destaca que a perspectiva que norteia a abordagem dos linguistas de Leningrado é dialética, a mesma que veio a se tornar fonte do trabalho de Bakhtin para o princípio das forças centrífugas e centrípetas. E, finalmente, com relação ao componente “política e linguística”, o autor discute se efetivamente teria se constituído uma sociolinguística soviética. E conclui que “assim como Labov operou dentro de um

contexto dominado pela política de raça e, com isso, focou na sociolinguística do negro urbano americano, os linguistas de Leningrado operaram dentro de um contexto dominado por questões de classe e opressão nacional. Uma grande diferença, porém, foi que, enquanto os sujeitos de Labov “nunca se beneficiaram de seu trabalho, o proletariado e campesinato soviético, juntamente com as minorias nacionais, beneficiaram-se consideravelmente dos trabalhos dos linguistas de Leningrado”. Eis algo possível de delinear a ponte buscada entre sociedade e linguagem, e, por isso mesmo, justificar a postulação de uma sociolinguística soviética, para além de reconhecer o lugar que lhe é devido no campo dos estudos da linguagem, o qual é posto em evidência, com a obra de Brandist, em continuidade a textos anteriores seus.

“Primeiros projetos soviéticos de pesquisa e o desenvolvimento das ideias bakhtinianas: uma visão a partir dos arquivos” - este longo título abre o penúltimo capítulo da coletânea, no qual o objetivo do autor é, assim como no último capítulo da obra, mostrar a filiação institucional do pensamento do Círculo de Bakhtin, mas, sobretudo, desfazer alguns mitos em torno da figura de Bakhtin, os quais, entendemos, cabe transcrever aqui: “1) Bakhtin foi um pensador totalmente original que delineou todas as suas ideias *ab nihilo*; 2) Bakhtin cercou-se de mediocridades e havia um fluxo de ideias unidirecional a partir dele para Voloshinov e Medvedev; 3) Bakhtin foi um pensador “não oficial” que escolheu ficar fora das tendências dominantes na esfera da cultura soviética e não foi fundamentalmente afetado por elas; 4) quando Bakhtin se viu compelido a engajar-se nessa esfera, o resultado foi a refutação ou a subversão interna, em vez de um engajamento sério” (p. 135). O artigo cuida, então, de mostrar em que medida os referidos mitos foram/estão enfraquecidos ou até mesmo ainda vigentes, o caso do segundo. E o faz trazendo ao palco as fontes do Círculo, dentre elas, as alemãs e austríacas. De igual relevo é a informação do diálogo profícuo e sempre atravessado pela conexão institucional que havia entre Bakhtin, Voloshinov e Medvedev acerca de Dostoiévski. Além disso, Brandist mostra que o trabalho de Bakhtin, a partir dos anos 1930, estava pleno das ideias tomadas da cultura soviética oficial, tais como as noções de heteroglossia, gêneros discursivos, forças centrífugas e centrípetas no desenvolvimento da linguagem, muito da ideia de carnaval, tomada de empréstimo dos estudos literários e folclóricos marristas, assim como outras que vieram do trabalho de Lev Iakubinski. Deste, destaque de Brandist para “On Dialogic Discourse”, de 1922, “texto fundamental para o que hoje é frequentemente chamado simplesmente de ‘dialogismo’” (p.139).

“Linguística sociológica em Leningrado” é o artigo que fecha a coletânea. Nele, Brandist põe em tela as instituições que norteavam as diretrizes e as políticas no entorno do desenvolvimento das ideias linguísticas na União Soviética. Diretrizes estas que funcionavam “não como camisa de força restritiva, mas como uma estrutura que estimulava, facilitava e orientava a própria pesquisa” (p. 156). O autor discorre sobre duas instituições: o ILIAZV e o RANION. O primeiro – Instituto de Estudos Comparados das Literaturas e Língua do Ocidente e do Oriente –, agregou, ao longo da década de 1920, estudiosos soviéticos de diferentes correntes, amplamente definida sua orientação como histórico-comparativa. Contudo, a proeminência da figura de Nikolai Marr fez com que ficasse indevidamente conhecido como instituição “marrista”. Brandist chama a atenção para a importância desse detalhe, na medida em que o engajamento de Voloshinov ao instituto tem incorretamente vinculado as ideias do Círculo de Bakhtin ao marrismo. Com relação ao segundo instituto mapeado por Brandist, a Associação Russa dos Institutos de Pesquisa Científica em Ciências Sociais, uma das facetas de sua importância histórica reside na atenção que focava ao trabalho linguístico com minorias nacionais, assim como o desenvolvimento de métodos de ensino de línguas estrangeiras e o estudo da estratificação social da língua, ao mesmo tempo em que difundia a instrução básica entre as massas.

Uma das tônicas para a qual convergiam os trabalhos de pesquisa era a formação das línguas nacionais a partir de dialetos regionais e o crescimento das literaturas nacionais a partir do mito e do folclore. Brandist aponta que uma das características do instituto era a não compartimentação dos alunos da pós-graduação em seu processo de formação. Desses, ele destaca dois nomes de relevância: Valentin Voloshinov e Abramovich Gofman. O primeiro interessado na poética sociológica, e o segundo, na sociologia do estilo. No rastreamento que Brandist faz, apresenta-nos um detalhe que geralmente passa despercebido e do qual deriva importância significativa, qual seja o subtítulo da obra de Voloshinov – *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas básicos do método sociológico aplicado ao estudo da linguagem. A partir do título de uma das obras centrais no Círculo de Bakhtin, Brandist convida a colocar em pauta algumas questões relacionadas a esses pensadores, a começar pelo fato de que o subtítulo, raramente citado, conforme ele sublinha, torna explícita a ligação com o projeto coletivo, além disso, a versão final mostra a passagem de um enfoque literário para um linguístico. Com relação a Gofman, importa dizer acerca de sua importância enquanto predecessor de Bakhtin na tomada do monólogo e do diálogo como categorias de

análise. E o faz a partir de problematização acerca das contradições inerentes ao discurso da burguesia, as quais desembocam na conformação dialógica do discurso do proletariado, como forma de dismantelamento do suposto monologismo do primeiro. Mas Brandist mostra também o declínio do estudo da estratificação social das línguas soviéticas, em razão da reconfiguração política dos institutos.

A obra encerra com inestimável contribuição, que consiste em um suplemento de um plano de livro não publicado, encontrado no arquivo pessoal de Voloshinov, em sua época de pesquisador-aluno. O referido material apresenta-se de interesse por antecipar o que mais tarde Bakhtin veio a desenvolver sobre o romance, e o próprio Voloshinov sobre a linguagem, mas, sobretudo, porque ratifica a hipótese apresentada por Brandist, da produção do Círculo como projeto coletivo.

No que concerne ao trabalho de Craig Brandist, ainda dois aspectos merecem relevo final: primeiramente, o fato de ele pôr em tela diálogos e fontes de Bakhtin e do Círculo, sem mascarar situações em que “seus empréstimos frequentemente ultrapassaram os limites que aceitaríamos de estudantes de graduação e, às vezes, poderiam com justiça ser chamados de plágio” (p. 8). Depois, o pôr em causa contradições não resolvidas ainda no contexto do Círculo, ao que ele também responde de modo lapidar já na apresentação da obra: “Bakhtin certamente tinha seus pontos cegos, e aqueles que estudam seu trabalho têm os seus, eu inclusive. Há, geralmente, algo valioso e único em cada ponto de vista e esse deve, talvez, ser nosso ponto de partida” (p. 12). Disso o interesse e relevância do livro de Brandist: o não ter se proposto a desvendar esses pontos cegos, mas, ao pô-los em evidência, cumprir o compromisso de desmistificar o entorno do Círculo de Bakhtin, com o que consegue manter ainda mais vivo o inesgotável interesse acerca da obra desses pensadores.

Recebido em 29/10/2012

Aprovado em 11/11/2012